

# Pensar a Educação para além da Inovação: Ética, Diversidade e Responsabilidade Social

Num cenário global atravessado por transformações tecnológicas aceleradas, migrações intensificadas e novas formas de desigualdade, a educação é permanentemente convocada a reinventar-se. Mas reinventar-se não significa ceder à lógica da novidade acrítica nem à neutralidade aparente. Significa interrogar os sentidos da inovação, problematizar as estruturas que produzem exclusão e reafirmar a educação como espaço de responsabilidade ética e política.

Este número da *Revista Lusófona de Educação* inscreve-se nesse compromisso. Reunindo investigações provenientes de diferentes contextos, Portugal, Espanha e América Latina, os textos aqui publicados constroem um diálogo que ultrapassa fronteiras nacionais e convoca um espaço académico ibero-americano e lusófono atento às urgências do presente.

O primeiro artigo “Uso de Tecnologias Digitais para Aprender Português Língua Não Materna: Estratégias de Confirmação de Resultados e de Construção de Conhecimento”, de Celeste Vieira, Cristina Martins e Armanda P. M. Matos, propõe uma leitura exigente da integração tecnológica na aprendizagem do português como língua não materna. Ao privilegiar estratégias de validação de resultados e construção ativa de conhecimento, o estudo afasta-se de discursos tecnodeterministas e reafirma a centralidade da mediação pedagógica, particularmente relevante em contextos de mobilidade e diversidade linguística.

Também no domínio linguístico e das tecnologias educativas, Salvador Gutiérrez Molero, Hugo Heredia Ponce e Manuel

Francisco Romero Oliva, em “Percepciones y prácticas tecnológicas para el desarrollo de la Competencia en Comunicación Lingüística”, demonstram que a inovação depende menos da presença de dispositivos e mais das culturas profissionais, das crenças docentes e das condições institucionais que moldam as práticas. A tecnologia surge, assim, como campo de disputa curricular e não como solução automática.

A diversidade cultural e a inclusão constituem outro eixo estruturante deste número. Em “Cultural Diversity and Its Management in Primary Schools According to the Typology of the Educational Centres. The Case of Southern Spain”, Mónica Luque Suárez, Mar Venegas Medina, Elisa Velasco Guerrero e Kiko Sánchez Miranda tornam visíveis desigualdades associadas à tipologia dos centros educativos, evidenciando que a gestão da diversidade está profundamente enraizada em condições estruturais que exigem respostas políticas consistentes.

Num diálogo entre Portugal e Espanha, Chiara Giani e Teresa García Gómez, em “La inclusión educativa: una aproximación a las prácticas en España y Portugal”, mostram que a inclusão não pode permanecer no plano normativo. As práticas analisadas revelam avanços, mas também tensões que interpelam a coerência entre políticas públicas, formação docente e culturas escolares.

A inovação pedagógica é abordada criticamente em “Entre la motivación y el conocimiento: una revisión sistemática del aprendizaje basado en juegos en la educación escolar”, de Alejandro Serra García, Vicente Gabarda Méndez, María Isabel Pardo Baldoví e Pablo Busó Alós. A revisão sistemática permite examinar com rigor as evidências disponíveis, questionando em que medida o jogo, enquanto estratégia didática, promove aprendizagens profundas e sustentadas.

A formação ética assume centralidade no artigo “La enseñanza de la ética y la filosofía de la ciencia desde la perspectiva estudiantil”, de Patricia López-Estrada e Carlos Rodolfo González-Zúñiga. Ao incorporar a voz dos estudantes num colégio científico na Costa Rica, o estudo lembra que a educação científica não pode dissociar-se da reflexão ética, especialmente num contexto global em que decisões tecnocientíficas têm impactos sociais amplos.

Na secção Diálogos, a entrevista “Educação, Narrativa e a Busca de Sentido na Era Digital: Uma Entrevista com Ivor F. Goodson”, conduzida por Elsa Estrela durante o Simpósio ACT4WBeing, realizado em janeiro de 2025 em Lisboa, recupera a centralidade da narrativa, da experiência e da biografia na construção curricular. Num tempo de aceleração e fragmentação, pensar a educação como busca de sentido é, simultaneamente, um gesto epistemológico e político.

O ensaio de Carlos Alberto Torres, “Educação para a Cidadania Global e Populações em Movimento: Propostas para a América Latina (Parte Um)”, encerra o número com uma reflexão ancorada na teoria crítica e na tradição latino-americana de pensamento educacional. Ao articular cidadania global, mobilidade humana e

justiça social, o autor reforça a necessidade de uma educação comprometida com direitos humanos e democracia substantiva. A Parte Dois do Ensaio irá sair em breve.

Os textos deste número da RLE afirmam uma concepção de educação que recusa simplificações e neutralidades. Tecnologia, diversidade, ética e cidadania são dimensões intrinsecamente políticas. A produção científica não é externa a essas disputas: participa nelas.

Enquanto revista ancorada num espaço lusófono e aberta ao diálogo, a *Revista Lusófona de Educação* reafirma o seu compromisso com investigação rigorosa, pensamento crítico e intervenção socialmente comprometida.

Vanessa Russo, Cristina Sin, Elsa Estrela,  
Leanete Thomas-Dotta, Lucimar Dantas & António Teodoro